

MEMÓRIA, TRAUMA E (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM *SABOR DE MABOQUE* DE DULCE BRAGA

MEMORY, TRAUMA, AND THE (RE)CONSTRUCTION OF IDENTITY IN SABOR DE MABOQUE BY DULCE BRAGA

<https://doi.org/10.5281/zenodo.15127114>

Milena Martins Lage Vaz¹
Luis Carlos Alves de Melo²

RESUMO

O presente artigo analisa como as temáticas da memória, do trauma e da (re)construção da identidade são trabalhadas na obra *Sabor de Maboque*, da escritora angolana Dulce Braga. A análise destaca como a protagonista enfrenta as cicatrizes deixadas pela guerra e pela diáspora angolana. Através da memória, o relato aborda a tentativa de recompor uma identidade estilhaçada pelo contexto histórico de violência e deslocamento causados pela guerra. Dada sua relevância, o estudo investiga as estratégias narrativas utilizadas pela escritora para articular a complexa relação entre a história individual e coletiva, propondo uma reflexão sobre o papel da memória na formação da identidade em contextos pós-traumáticos a partir da análise literária e de aspectos teóricos. Ao final, observou-se que Dulce Braga não apenas compartilha sua experiência de dor e perda, mas também transforma essa experiência em um ato de resistência cultural, um testemunho da luta pela reconstrução do lar e pela preservação da identidade.

Palavras-chave: literatura angolana; trauma; memória.

ABSTRACT

This work analyzes how the themes of memory, trauma, and the (re)construction of identity are addressed in the work *Sabor de Maboque* by Angolan writer Dulce Braga. The analysis highlights how the protagonist confronts the scars left by war and the Angolan diaspora. Through memory, the narrative explores the attempt to rebuild an identity shattered by the historical context of violence and displacement caused by war. Given its relevance, the study investigates the narrative strategies employed by the author to articulate the complex relationship between individual and collective history, proposing a reflection on the role of memory in shaping identity in post-traumatic contexts through literary analysis and theoretical perspectives. In the end, it was observed that Dulce Braga not only shares her experience of pain and loss but also transforms this experience into an act of cultural resistance, a testimony to the struggle for rebuilding the home and preserving identity.

Keywords: angolan literature; trauma; memory

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2869215246030578>. E-mail: milenavaz06@gmail.com

² Professor de Literaturas Portuguesa e Africanas do Departamento de Letras e Comunicação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Doutor em Letras. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3569712521350517>. E-mail: luisiscam@outlook.com

1 INTRODUÇÃO

A história de Angola é marcada por longos períodos de colonização e conflitos internos que moldaram profundamente as dinâmicas e identidades cultural e social. Colonizada por Portugal nos meandros do século XV, o país vivenciou séculos de exploração, escravidão e repressão cultural, cujas consequências reverberaram muito além da guerra civil na década de 1960, que culminou na independência do país em 1975. Conquistada a independência, o país mergulhou numa guerra civil que perdurou até 2002, travada entre a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), agravando o sofrimento da população e fragmentando ainda mais o tecido social angolano.

Refletindo sobre as razões que levaram ao conflito pós-independência, Agualusa, aponta que embora os partidos possuíssem algumas divergências ideológicas, a base do confronto esteve centrada nas “sementes do ódio que haviam sido lançadas muitos séculos antes”. (Agualusa, 2004, p. 2). O fato é que as tão sonhadas liberdade e paz pós-independência deram lugar a um cenário de medo e incertezas que perdurou por quase vinte e sete anos, representando uma nova forma de dominação da sociedade civil angolana que marcou a experiência social de Angola. Assim, o trauma da guerra civil é literariamente abordado a partir daquilo que Terezinha Taborda classifica de “reflexão melancólica na qual a realidade é assumida como catástrofe, a história é relida como ruína” (Taborda, 2018 p. 55).

Esse cenário de instabilidades é o mote do enredo narrado pelo romance *Sabor de Maboque*, da escritora angolana Dulce Braga³. Escrito em 2009, a obra apresenta uma narrativa permeada pelas cicatrizes deixadas pela guerra civil e pelo impácto contínuo do colonialismo pós-revolução dos Cravos. Tendo isso em mente, a escritora destaca como a guerra desestruturou famílias, forçou deslocamentos massivos e perpetuou traumas profundos que ecoaram e ainda ecoam nas gerações seguintes. Além disso, em seu percurso narrativo, ela captura elementos fundamentais da cultura e da tradição angolana, como a importância da

³ Dulce Filomena Martins Tavares Braga nasceu em Angola e reside no Brasil desde 1975, quando eclodiu em sua terra natal uma guerra colonial que opôs os principais partidos políticos do país. Filha da diáspora, Dulce Braga ficou conhecida após a publicação do seu romance-biografia *Sabor de Maboque* (2009), obra que foi reeditada inúmeras vezes e traduzida para o francês. Além disso, publicou em 2013 a obra infantil *Ndapandula Mama África-Obrigada Mãe África* e o romance-autobiográfico *Um dia depois do Amanhã* (2019).

oralidade, das tradições familiares e da conexão com a terra, que resistiram ao longo dos séculos, apesar das tentativas de apagamento cultural durante o domínio colonial.

O livro é o que se propõe a ser: um registro de memórias multifacetadas permeadas pela realidade e a magia de um pedaço de África imerso num conflito devastador. A partir desse relato-memória autobiográfico, Dulce Braga aponta para os impactos das guerras na vida das pessoas, tanto em dimensões materiais quanto emocionais, enquanto transita da infância para a juventude e de Angola para o Brasil. Diante disso, o romance vai reconstituindo fatos e memórias, sensações e sabores, para demonstrar de forma direta e indireta as mudanças involuntárias pelas quais a autora-personagem e sua família passaram. É um relato verídico e dolorido, que por tanto tempo ficou guardado junto a outras lembranças na mala de cânfora e que agora, diante da necessidade de enfrentar o passado e curar os traumas, precisam ser revisitadas. É, também, um encontro da escritora com sua própria identidade.

Em *Sabor de Maboque*, a língua serve como um campo de batalha simbólico, em que a autora explora a tensão entre a memória do passado e a reconstrução de uma identidade pós-colonial. Essa complexa teia de fatores históricos, culturais e linguísticos em Angola fornece o pano de fundo necessário para a análise de como memória, trauma e identidade são abordados e reconstruídos na obra de Dulce Braga e dos quais nos valem para a construção dessa investigação. Seguindo o “cheiro” do maboque, o trabalho está baseado numa metodologia de análise temática e bibliográfica, na qual serão abordadas questões relacionadas ao trauma, à memória e às identidades, a partir dos aportes teóricos de Seligmann-Silva (2008), Gagnebin (2006), Ricoeur (2007), Hall (2006), Benjamin (1987) e Hillman (2010).

Com efeito, ao final, espera-se reforçar que ao narrar literariamente os traumas do passado, Dulce Braga experimenta um processo de cura e conseqüentemente de (re)construção de suas identidades nacional e cultural.

2 NARRAR O TRAUMA, REVISITAR A DOR... QUAL SABOR TEM A MEMÓRIA?

No plano das literaturas africanas de língua portuguesa a violência perpetrada pelo colonialismo deixou marcas permanentes no seio das sociedades africanas, cujas memórias do conflito têm sido constantemente abordadas pelos mais diversos escritores e escritoras africanos. Em geral, essas obras reconstróem os traumas nacionais a partir da construção

ficcional da memória de seus personagens que ao cruzarem o cenário destruído pelas guerras delineiam a própria formação das nações “retalhadas pela violência do processo colonial”. (Taborda, Borille, 2017 p. 9). Lembrar o passado, os traumas e dores, é antes de tudo um ato de resistência. Resistir é um ato de cura.

O processo de representação do trauma na literatura angolana pode ser visualizado nas obras dos principais escritores do país como Luandino Vieira, Pepetela, Agualusa, João Melo, Dulce Braga entre outros, no qual a temática da guerra e do conflito aparece com certa frequência. De acordo com Taborda, é comum que esses escritores tragam para suas escritas os traumas das violências e injustiças de suas próprias experiências ou das memórias coletivas como forma de problematizá-las (Taborda, 2017, p. 55). Isso acontece pois desde sua invasão no século XV, passando por sua colonização formal com ocupação territorial em meados do século XVIII, Angola experimentou uma série de conflitos internos que não cessaram nem após o fim do período colonial.

A guerra colonial que se iniciou em meados dos anos 1960 evidenciou uma política de colonização exploratória que culminou num processo de eliminação dos povos locais e no deslocamento forçado de populações inteiras. Findo o colonialismo em 1975, a esperança de dias melhores foi solapada por uma nova forma de dominação, o que acabou por acender uma guerra civil no país entre os principais dirigentes políticos dos partidos de independência angolana até meados de 2002. Com isso, a experiência social no país foi novamente marcada por novos traumas. Assim, algumas narrativas literárias que se dedicam ao ato de lembrar ou recontar os traumas das guerras o fazem a partir da dor e da melancolia, tendo a memória um papel fundamental nesse processo. Recuperando as memórias da guerra civil, *Sabor de Maboque* revela o sabor acre da história angolana a partir da narrativa do trauma.

Embora seja analisado a partir dos flashes de memória, o trauma não é apenas uma experiência do passado, mas uma vivência que se impõe continuamente no presente. Márcio Seligmann-Silva descreve o trauma como “uma memória de um passado que não passa” (Seligmann-Silva, 2008, p. 69), destacando sua natureza persistente e sua capacidade de moldar a identidade e as emoções de quem o vivencia. Essa característica temporal revela sua complexidade: o trauma habita o limiar entre o lembrar e o esquecer, sendo simultaneamente uma ferida e uma tentativa de cura.

Um dos aspectos mais desafiadores do trauma é sua resistência à representação. Narrar um evento traumático não é apenas expor o sofrimento, mas transformar o indizível em

linguagem. Seligmann-Silva (2008) enfatiza que o testemunho é tanto terapêutico quanto político. Por meio da narração, o sujeito traumatizado busca não apenas compreender e ressignificar sua experiência, mas também torná-la acessível aos outros. A literatura, nesse sentido, oferece um espaço simbólico onde o trauma pode ser elaborado e compartilhado.

A narração do trauma atua como um ato de resistência contra o apagamento histórico. Em contextos de guerra e diáspora, como o vivido por Dulce Braga em *Sabor de Maboque*, o testemunho literário resgata memórias coletivas que poderiam ser silenciadas por narrativas hegemônicas. O trauma carrega consigo um imperativo ético de testemunhar, transformando a dor individual em um legado de memória que desafia o esquecimento e a indiferença. No entanto, a simbolização do trauma é sempre parcial e inacabada. A linguagem não consegue abarcar sua totalidade, mas permite que ele seja reconstruído e integrado. Como afirma Seligmann-Silva, o testemunho é tanto uma forma de sobrevivência quanto de recriação, envolvendo não apenas o narrador, mas também os leitores, que são convidados a compartilhar a memória e refletir sobre suas implicações históricas e humanas. (Seligmann-Silva, 2008).

Em *Sabor de Maboque*, a memória ocupa um papel central na construção da narrativa e na reconstrução identitária da autora. Desde a infância, Dulce guardava objetos importantes em uma mala de cânfora, símbolos que ela desejava preservar. O livro começa com Dulce recebendo de presente dos filhos uma fruta típica de Angola, o maboque, que desencadeia uma explosão de sentimentos e a leva a abrir a sacola onde esses itens estavam guardados. Esse gesto simboliza a abertura de um compartimento mental e emocional, no qual as lembranças dolorosas e os traumas vividos em Angola estavam trancados há décadas.

Após 30 anos das experiências traumáticas da guerra civil, Dulce Braga decide registrar sua história, impulsionada pelos pedidos dos filhos. Esse processo de escrita pode ser interpretado como um ato de reabertura da "mala de cânfora", onde as memórias estavam cuidadosamente guardadas. A narrativa reflete o conceito de crescimento pós-traumático, em que a recuperação das memórias traumáticas em condições seguras permite a reinterpretação do passado e a mitigação dos seus efeitos destrutivos. Para Braga, a escrita não é apenas um testemunho, mas um processo terapêutico de ressignificação do trauma.

Jeanne Marie Gagnebin (2006), em *Lembrar, Escrever, Esquecer*, reflete sobre o papel da memória e da escrita na elaboração do passado traumático. Para ela, a memória não é uma mera reprodução do vivido, mas um processo ativo de reconstrução, por meio do qual traumas são revisitados e ressignificados. Em *Sabor de Maboque*, a metáfora da mala de cânfora –

simulacro de guarda das memórias ancestrais – ilustra essa dinâmica. A mala guarda não apenas objetos, mas memórias que, mesmo dolorosas, esperam o momento de serem reabertas e ressignificadas. Esse ato reflete o movimento duplo da memória: preservar o que poderia ser esquecido e reformular o que já não pode permanecer igual.

Em outra instância, Gagnebin (2006) aborda a escrita como uma ferramenta de resistência frente à violência simbólica e ao apagamento histórico. Ao narrar as cicatrizes deixadas pela guerra civil angolana e pelo exílio, Dulce Braga desafia o esquecimento tanto pessoal quanto coletivo. Sua narrativa torna-se um espaço de resistência, no qual a memória individual conecta-se à memória coletiva, resgatando histórias que poderiam ser silenciadas. Assim, *Sabor de Maboque* transcende o relato de experiências traumáticas.

A obra constitui um ato ético e político, onde a memória e a narrativa oferecem não apenas um espaço de ressignificação, mas também uma forma de resistência cultural e de reconstrução identitária. Ao escrever, Dulce Braga elabora o próprio trauma e contribui para a preservação da memória coletiva de um povo marcado pela violência e pela diáspora.

3 O SABOR AGRIDOCE DA MEMÓRIA DO TRAUMA EM SABOR DE MABOQUE

Maboque! Ah, fruta angolana! Como consegues embrenhar-te no terror vivenciado por aquela menina, que distante de sua cidade natal, Nharêa, longe de todos os seus familiares, em meio aos tiroteios, sucumbia no corredor escuro de uma casa em Silva Porto?... Como consegues delicadamente adentrar no olhar desse pai de emoções contidas, que vê a guerra aterrorizar seu maior tesouro, sua família? E no olhar dessa mãe de semblante carinhoso, ansiosa, desesperada por agarrar suas crias e dizer-lhes: ‘Acordem!... já passou... O nosso pedacinho de Angola ainda está aqui... (Braga, 2009 p. 9-10)

A narrativa de Dulce Braga em *Sabor de Maboque* está profundamente enraizada em suas experiências pessoais, que se entrelaçam com os relatos ficcionais na obra. De origem angolana, a escritora cresceu em uma família abastada, proprietária de negócios significativos na região. Durante sua infância, usufruiu de uma educação de qualidade, frequentando internatos prestigiados, e viveu momentos felizes na companhia de seus primos e amigos. Sua família mantinha o hábito de viajar para a Portugal e nutria laços com parentes no Brasil, fortalecendo uma rede de contatos que seria crucial em momentos posteriores. A adolescência coincidiu com um período de grande tensão em Angola, à medida que o país se aproximava da

independência de Portugal. A formação dos três principais partidos políticos e o crescente clima de instabilidade trouxeram a sensação de que os conflitos armados eram inevitáveis.

Conforme se colhe das páginas do romance [...] “a instabilidade aumentava e com ela crescia uma engrenagem de violência, palpável, grudenta, temida e visível em todo canto. O toque de recolher às vinte horas, em vigor desde 8 de junho, fez com que a tão esperada formatura do Liceu tivesse poucas comemorações.” (Braga, 2009 p. 71-72). Na medida em que a guerra civil em Angola avançava, o cenário de horror se tornava cada vez mais presente, impactando a sociedade angolana como um todo.

A escalada da violência, a destruição de lares e o colapso das estruturas sociais criaram um ambiente de medo e incerteza constante, onde as vivências traumáticas se acumulavam dia após dia. Esses eventos não apenas deixaram cicatrizes emocionais duradouras, como também moldaram a forma Dulce Braga percebe e representa a realidade em *Sabor de Maboque*. A guerra, ao transformar o cotidiano em um campo minado de perigos e perdas, gerou memórias dolorosas que impactaram diretamente na forma como a autora escolhe narrar o romance.

Essas experiências traumáticas tiveram consequências que foram além do domínio psicológico. Na medida em que os horrores da guerra se intensificavam, sintomas físicos começaram a se manifestar, evidenciando o impacto do trauma no corpo. O corpo, assim como a mente, tornou-se um repositório do trauma, carregando os vestígios das experiências vividas e as cicatrizes deixadas pelo conflito. Como observa Bessel van der Kolk (2020), o trauma não se limita à mente; ele também se manifesta no corpo, que se torna um repositório das experiências vividas. Em outras palavras, o corpo guarda as marcas do trauma experimentado (Kolk, 2020). Um exemplo marcante dessa representação ocorre em uma passagem do romance, na qual Braga descreve uma cena de extrema violência:

Dois homens usando uniformes com distintivos do exército da UNITA carregavam nos ombros um tronco de árvore, reto e grosso. [...] Suspenso no mastro e com os pés e as mãos amarrados com cordas estava um homem gemendo, o corpo arqueado, a barriga virada para baixo, o dorso para cima. [...] Suas orelhas amputadas eram exibidas como troféus, alfinetadas nos quepes ensanguentados dos dois homens que o carregavam. [...] Mais tarde, sentada em frente ao vaso sanitário e chorando convulsivamente, minha cabeça doía muito. Tinha o estômago dolorido e vazio de conteúdo para vomitar e tentava em vão apagar da memória aquele espetáculo de horror. (Braga, 2009 p. 79).

A escritora não apenas descreve o horror da guerra, mas também evidencia as consequências físicas do trauma. A dor de cabeça, o estômago dolorido e o vômito são manifestações corporais que refletem o impacto psicológico da violência testemunhada. Essas reações físicas servem como testemunho da profundidade de sua dor e ilustram a intrincada relação entre corpo e mente no contexto do trauma. O exílio da família de Braga em Portugal, e posteriormente no Brasil, foi um desdobramento inevitável da guerra civil angolana. Durante esse período, a autora e sua família enfrentaram separações, incertezas e a falta de notícias de familiares. Essas experiências de deslocamento e perda são retratadas em sua obra, que explora não apenas o sofrimento individual, mas também as consequências coletivas do conflito. Isso fica evidente quando a autora aponta que o processo de separação [...] “fazia arder todas as feridas interiores provocadas pela distância, pela ausência de notícias, pela sinistra presença da morte e pela incerteza da vida, emoções que me haviam fustigado quando fiquei sitiada em Silva Porto.” (Braga, 2009, p.82).

Em outro momento, a autora afirma:

Passávamos os dias contando os minutos, rezando, saindo às ruas para tentar comprar comida e procurando desesperadamente encontrar alguém que nos desse notícia sobre o paradeiro deles. Era inútil: com as linhas telefônicas destruídas pela guerra, não se conseguiam ligação para o interior do país. (Braga, 2009, p. 85).

Ao abordar essas questões, Dulce Braga expõe a complexidade do trauma de guerra, destacando a relação intrínseca entre o sofrimento mental e as manifestações físicas dele decorrentes. O exílio provocado pela guerra funciona como uma prisão permanente e o terror da incomunicabilidade servem como alimento para o estado traumatizante. Essa interconexão reflete uma verdade fundamental sobre o trauma: ele não é apenas uma ferida emocional, mas uma experiência totalizante que pode se manifestar em todas as dimensões da existência humana, deixando marcas indeléveis tanto na mente quanto no corpo.

A escritora reproduz os fragmentos de memória adotando um tom poético para descrever os horrores da guerra, comparando o som dos gritos e tiros à cadência de uma melodia do horror. Conforme excerto do livro [...] “lá fora nada mudava: tiros, gritos, gritos, tiros, mais tiros e mais gritos e mais gritos e mais gritos. Embalada pela melodia dos estampidos e vencida pelo cansaço físico e mental, eu cochilava por alguns segundos de vez em quando” (Braga,

2009 p. 99). Essa descrição não apenas transmite o clima de terror, mas também ressalta a exaustão física e emocional causada pelo conflito.

4 MEMÓRIA COLETIVA, LITERATURA E IDENTIDADE

Astrid Erll, no seu *Memory in Culture* (2011), afirma ser a literatura, enquanto meio de memória cultural, uma entidade onipresente. A memória trata de uma representação de algum momento em particular cuja dimensão e importância, individual ou coletiva, geram lembranças, em muitos casos traumas, difíceis de serem esquecidos ou que não devem ser esquecidos. Em *Sabor de Maboque*, Dulce Braga não apenas narra suas memórias individuais, como também estabelece conexões profundas com uma memória coletiva que transcende gerações.

A literatura, nesse contexto, emerge como um espaço privilegiado para mediar a tensão entre o individual e o coletivo, permitindo que experiências fragmentadas ganhem coesão e significado. Como observa Ricoeur (2007, p.251), “a narrativa oferece ao vivido a possibilidade de ser compreendido em sua totalidade”. Dessa forma, o ato de narrar não é apenas uma maneira de organizar as memórias, mas também de reconectar-se com uma identidade nacional, forjada pela consciência de cultura nacional, que é simultaneamente pessoal e partilhada.

Para Stuart Hall “as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", [...] com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades” (Hall, 2006, p. 51). A noção de identidade provém das crises de pertencimento, seja ela territorial, social, subjetiva; e está sempre associada ao caráter duvidoso daquilo que naturalmente foi incorporado em nossas vidas como verdade única e irrefutável (Mercer, 1990; Hall, 2006). Isso significa que se trata de algo que sofre questionamentos apenas quando em situação de conflito. Nada obstante, o conflito é fator de modificação dos grupos sociais constituídos, pois através dos conflitos buscam-se resolver dualismos e, em instância última, promover uma espécie de unidade (Simmel, 1983, p. 122).

Hall chama a atenção para o fato de que as identidades nacionais não são elementos com os quais os indivíduos já nascem, pelo contrário, elas são construídas e formadas a partir da representação (Hall, 2006, p. 48). Logo, o vínculo nacional não é algo de cunho meramente político, mas um elemento de produção das representações culturais. Na medida em que se

apresenta como uma formulação simbólica, o discurso nacional atua para criar uma ideia de compartilhamento identitário comum (Hall, 2006, p. 48). Nesse campo, Marilena Chauí observa que se cria um imaginário de identificação social, através das ideologias dominantes, como forma de se criar uma visão homogeneamente universal. Assim “a cultura passa a ser compreendida como o campo no qual os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, instituem as práticas e os valores, definem para si próprios o possível e o impossível, o sentido da linha do tempo [...]” (Chauí, 2008, p. 57).

A partir desse contexto, é possível entender o campo conjuntural no qual as identidades nacionais são forjadas. A cultura é um dos elementos utilizados para se criar uma determinada identidade nacional comum e as culturas nacionais não estão subordinadas apenas a instituições culturais, como também aos “símbolos e representações” (Hall, 2006, p. 50). Em *Sabor de Maboque*, essa representação simbólica é feita a partir dos sentidos sensoriais aguçados pelo fruto nativo angolano. Para Dulce Braga, o maboque funciona como um poderoso disparador de memória. Mais do que um simples objeto do cotidiano, ele encapsula toda uma vivência afetiva e cultural, permitindo que a autora revise suas raízes e reconstrua a ponte entre a infância interrompida pela guerra e o presente de exílio. Nora (1989) define esses elementos como “lugares de memória”, onde o ordinário se transforma em um repositório de significados, transcendendo sua função original para concentrar as emoções e as histórias de uma vida.

Por meio de obras como *Sabor de Maboque*, somos levados a questionar a estabilidade de nossas vivências e a refletir sobre a precariedade daquilo que consideramos garantido. A literatura nos transporta para lugares e épocas em que os vínculos humanos eram mais frágeis, sujeitos a rupturas bruscas, e onde o retorno ao lar ou à identidade original era frequentemente impossível. Essa capacidade de provocar questionamentos é o que torna a narrativa literária uma ferramenta indispensável para a construção de uma memória coletiva que transcenda fronteiras geográficas e temporais.

Além disso, *Sabor de Maboque* nos faz perceber como elementos aparentemente banais, como objetos do cotidiano, paisagens ou sabores, podem adquirir significados duradouros. Esses elementos não apenas ativam memórias individuais, mas também se tornam pontos de conexão entre diferentes gerações e culturas. Como aponta Dulce Braga, o maboque não é apenas uma fruta: é um símbolo de um tempo perdido, um portal para sua infância e um marcador de sua identidade cultural. A partir disso, somos convidados a refletir sobre os nossos

próprios “maboques”, os elementos em nossas vidas que, de maneira semelhante, carregam em si a capacidade de nos reconectar com nossa história e identidade.

Conversei com o maboqueiro por um bom tempo. Encostei a cabeça no tronco e disse-lhe que estava muito triste de ir embora e que sentiria muita saudade daquele lugar. Disse também que no fundo do coração reluzia um fio de esperança de um dia voltar, mesmo que não fosse em breve. De repente, um maboque desprende-se do galho, batendo a pedra onde me sentava. [...] Sentada na pedra, as costas e a cabeça encostadas no tronco da árvore, saboreei lenta e prazerosamente a fruta que com tanta gentileza a árvore me havia oferecido. Há um ano, como o maboque, a vida vinha alternando momentos azedos e doces. (Braga, 2009, p.146)

O papel da literatura nesse processo é fundamental. Como observa Gagnebin, a narrativa literária permite a organização do passado, assim como o reencontro com o "eu" de uma forma mais complexa e profunda. A escrita, nesse sentido, não é apenas uma ferramenta de preservação da memória, mas também um ato de transformação. Ela possibilita que o trauma e a perda sejam integrados à identidade de forma produtiva, ampliando a compreensão do indivíduo sobre si mesmo e sobre o coletivo ao qual pertence. (Gagnebin, 2006).

Obras como *Sabor de Maboque* demonstram como a literatura pode atuar como um espaço para a reconstrução da identidade e para o fortalecimento de laços entre indivíduos e comunidades. Ao transformar memórias individuais em narrativas coletivas, Dulce Braga não apenas resgata sua própria história, mas também contribui para preservar e transmitir a memória cultural de Angola. Esse movimento reforça o papel da literatura como um meio de resistência ao apagamento cultural, um espaço onde a memória encontra voz e a identidade encontra significado.

O processo narrativo da escritora vai além de um simples relato autobiográfico, configurando-se como um esforço profundo e contínuo de ressignificação de memórias e traumas. Ao escolher iniciar o livro “pelo final”, quando recebe o maboque de seus filhos, Braga não apenas adota uma técnica literária, mas sugere que o passado continua a reverberar no presente, exigindo da autora uma confrontação inevitável com as memórias que ela guardou e que, por muito tempo, foram inacessíveis.

Essa estrutura de narrativa, que oscila entre o presente e o passado, faz com que as memórias da infância, da adolescência e os eventos traumáticos da guerra se entrelacem com as reflexões da autora já adulta. Essa dinâmica de rememoração é dolorosa, mas fundamental

para que haja uma recuperação do trauma. Revisitar o passado não é apenas um exercício de resgatar acontecimentos, mas uma oportunidade de reorganizar as vivências, atribuindo-lhes novos significados. Essa reinterpretação das memórias à luz de sua vivência atual é um exemplo claro daquilo que a literatura, a partir da influência da psicanálise, denomina de “*healing fiction*” ou narrativa de cura (Hillman, 2010) – uma prática que utiliza a escrita como um meio de transformar o trauma em uma narrativa de autocompreensão, aceitação e crescimento.

Em uma passagem, a autora relata como se deu esse encontro consigo mesma numa viagem ao passado em busca de cura. Senão, vejamos:

Ainda bem que esse baú abriu devagarzinho para que eu pudesse resgatar e costurar cada retalho dessa memória por vezes carregada de alegria, outras vezes de dor, mas sempre filigranados por belos momentos de vários ciclos da minha vida, que agora desejo compartilhar usando palavras como forma de perpetuá-los. (Braga, 2009, p.11).

A concepção de narrativa de cura não é algo novo, embora nos últimos anos a busca por obras que abordem temáticas relacionadas ao gênero tenha crescido exponencialmente. James Hillman, na obra *Ficções que curam*, aponta que a ideia de ficção/narrativa curativa já foi objeto de estudo pela psicanálise através dos textos produzidos por Freud, Jung e Adler (Hillman, 2010). O termo em inglês *healing fiction*, cunhado por Carl Jung, engloba uma gama de sentidos que pendulam entre a noção de uma narrativa de cura física e psicológica e a ideia de que o sentido ficcional da realidade psíquica funciona como elemento curativo. Em outras palavras, trata-se de um processo de autocompreensão e autoconhecimento [...] “a cura psíquica da imaginação, a ficção que cura, o curador ficcional para quem nenhum pronome pessoal é adequado, impossível na vida e necessário na imaginação” (Barcellos, 2010 p.8).

O movimento de autocompreensão/autoconhecimento em *Sabor de Maboque* se dá através da memória, que se apresenta como um campo de batalha interno, onde as forças do trauma e da recuperação lutam pela hegemonia. O ato de escrever, portanto, emerge como uma ferramenta de poder, capaz de restaurar uma identidade fragmentada e de reconciliar a autora com seu passado. A escrita não apenas serve para reviver os acontecimentos, mas para (re)significá-los, permitindo que as memórias, antes trancadas e esquecidas, possam ser integradas à vida da autora de uma forma mais compreensível e menos dolorosa. A escrita tem o poder de “elaborar o passado”, transformando-o de um fardo emocional em um testemunho de resiliência e superação (Gagnebin, 2006).

Ao refletir sobre a cura pelo conto, Walter Benjamin questiona se não seria a narração o campo propício e favorável para as muitas curas, uma vez que a psicanálise entende que o ato de relatar feito pelo paciente ao médico é o princípio de um processo curativo (Benjamin, 1987). E completa:

Se imaginarmos que a dor é uma barragem que se opõe a corrente da narrativa, então vemos claramente que é rompida onde sua inclinação se torna acentuada o bastante para largar tudo o que encontrar em seu caminho ao mar do ditoso esquecimento. É o carinho que delineia um leito para essa corrente. (Benjamin, 1987, p. 269).

Ao romper com as barreiras de sua própria “barragem”, Dulce Braga pavimenta o caminho para que sua escrita siga o fluxo do seu mar de lembranças, ressignificando sua própria identidade. Com sua escrita, ela não apenas se reconcilia com seu passado, mas também reinventa seu futuro. O reencontro da autora consigo mesma se dá com um atraso de aproximadamente trinta anos quando tomada de coragem Braga abre a “mala de cânfora” e rememora as lembranças que haviam sido trancadas no esquecimento.

O processo de abertura das memórias, que ocorre ao longo da narrativa, é um símbolo de liberação e de renovação da identidade através da narração do trauma. Esse poder da escrita como um meio de transformação não se limita ao impacto interno de Dulce Braga. Sua história também reverbera para fora, tocando os leitores e ampliando o debate sobre a importância da expressão pessoal e da comunicação. A escrita se revela, então, como uma potência não apenas para a autora, mas também para a sociedade como um todo, pois promove uma reflexão coletiva sobre a memória, a identidade e a superação.

Com efeito, *Sabor de Maboque* é mais do que um relato de trauma; é um exemplo claro do poder da narrativa como um meio de ressignificação e reconstrução da identidade. Ao relatar sua experiência, Dulce Braga não só compartilha sua história com o mundo, mas também realiza um processo de transformação interna que ressignifica sua dor e permite a reconstrução de seu "eu". A memória, trancada por tantos anos, é finalmente libertada e ressignificada, possibilitando que a autora não apenas sobreviva ao trauma, mas também o transforme em uma parte integral e menos dolorosa de sua identidade.

5 CONCLUSÃO

O objetivo desse artigo foi analisar como as temáticas da memória, do trauma e da (re)construção da identidade são trabalhadas pela escritora angolana Dulce Braga, em sua obra *Sabor de Maboque* (2009). Revisitando o passado e reconhecendo suas cicatrizes através dos fragmentos de memórias, a autora busca recompor suas identidades estilhaçadas pelo contexto histórico de violência e deslocamento causados pela guerra. A partir desse relato histórico-biográfico, Dulce Braga não apenas compartilha sua experiência de dor e perda, mas também transforma essa experiência em um ato de resistência cultural, um testemunho da luta pela reconstrução do lar e pela preservação da identidade.

Da proposta, observou-se que *Sabor de Maboque* se apresenta como um testemunho literário profundo e sensível sobre os traumas deixados pela guerra civil angolana e pelo colonialismo, explorando a complexa relação entre memória, identidade e cura. Através de uma narrativa que mescla o individual e coletivo, a autora revisita suas experiências traumáticas, resgatando memórias dolorosas que estavam guardadas em uma “mala de cânfora simbólica”. A escrita, nesse contexto, surge como um ato de resistência e (res)significação, permitindo que Braga transforme o indizível em linguagem e, assim, elabore seu passado de forma curativa.

A obra evidencia como o trauma, tanto individual quanto coletivo, é uma ferida que persiste no tempo, moldando identidades e reverberando nas gerações seguintes. Ao narrar os horrores da guerra, a autora não apenas expõe o sofrimento de um povo, mas também resgata elementos culturais e tradicionais angolanos, como a importância da oralidade e da conexão com a terra, que resistiram às tentativas de apagamento colonial. O maboque, fruto típico de Angola, surge como símbolo e metáfora poderosos, acessando memórias e conectando a autora às suas raízes, mesmo em situação de diáspora.

Através de *Sabor de Maboque*, Dulce Braga não apenas compartilha sua experiência de dor e perda, como também transforma essa experiência em um ato de resistência cultural, um testemunho da luta pela reconstrução do lar e pela preservação das identidades. Sua obra é um convite para refletirmos sobre nossas próprias memórias e sobre o papel da literatura na construção de uma sociedade mais consciente, mais empática e mais resiliente diante das adversidades. A obra é um testemunho literário poderoso do trauma de guerra, que vai além da mera narrativa histórica.

Ao retratar literariamente as cicatrizes físicas e emocionais deixadas pelo conflito, Dulce Braga demonstra que a literatura é um espaço privilegiado para a (re)construção

identitária e a preservação da memória coletiva. Sua narrativa não só resgata histórias silenciadas, mas também desafia o esquecimento, oferecendo uma reflexão sobre a resiliência humana e a capacidade de transformar a dor em arte. Ao final, *Sabor de Maboque* não é apenas um relato de trauma, mas um ato de cura e resistência, que reforça a importância da memória como ferramenta de reconstrução cultural e identitária. A obra nos convida a refletir sobre como os traumas do passado, quando revisitados e ressignificados, podem se tornar parte de uma narrativa de superação e esperança.

REFERÊNCIAS

AGUALUSA, José Eduardo. Guerra e Paz em Angola. **KOSMOPOLIS**. Festa Internacional de la Literatura. Barcelona, 2004. Disponível em: < https://www.cccb.org/rcs_gene/agualusa-portu.pdf>. Acesso em 15/12/2024.

BARCELLOS, Gustavo. Prefácio. In HILLMAN, James. **Ficções que curam**: psicoterapia e imaginação em Freud, Jung e Adler. Tradução Gustavo Barcellos [et.al] Campinas: Verus, 2010, p. 7-8).

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BRAGA, Dulce. **Sabor de Maboque**. São Paulo: Editora Rocco, 2009.

CHAUI, Marilena. Cultura e democracia. Crítica y emancipación: **Revista latinoamericana de Ciencias Sociales**. Buenos Aires, año 1, n. 1, jun. 2008. Disponível em: < <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>>. Acesso em: 15/02/2025.

ERLL, Astrid. **Memory in Culture**. London: Macmillan, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, Escrever e Esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HILLMAN, James. **Ficções que curam**: psicoterapia e imaginação em Freud, Jung e Adler. Tradução Gustavo Barcellos [et.al] Campinas: Verus, 2010.

KOLK, Bessel Van Der. **O corpo guarda as marcas**: cérebro, mente e corpo na cura do trauma. Sextante, 2020.

MERCER, Kobena. Welcome to the Jungle: Identity and Diversity in Postmoder Politics. In: RUTHERFORD, Jonathan (Ed.). **Identity: Community, Culture, Difference**. London: Lawrence and Wishart, 1990, p. 43-71.

NORA, Pierre. Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire. **Representations**, v. 26, p. 7–24, 1989. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/2928520>>. Acesso em: 18/01/2025.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, v. 20, n. 1, p. 65–82, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/abstract/?lang=pt> >. Acesso em: 15/01/2025.

SIMMEL, G. A natureza sociológica do conflito. In: MORAES FILHO, Evaristo (Org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983, p. 122-134.

TABORDA, Terezinha. Violência e trauma na escrita literária angolana. In: TABORDA, Terezinha; BORILLE, Denise (Org). **Tramas e traumas: escritas de guerra em Angola e Moçambique**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018, p.53-84.

TABORDA, Terezinha; BORILLE, Denise. Apresentação. In TABORDA, Terezinha; BORILLE, Denise (Org). **Tramas e traumas: escritas de guerra em Angola e Moçambique**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018, p.8-9.

Recebido em: 31/01/2025

Aceito em: 24/02/2025